

## A misoginia e as relações entre os gêneros

Por Marina Mesquita Camisasca

---

Este texto procura abordar a situação da mulher durante o período colonial, assim como as relações que elas estabeleciam com algumas instituições, como a Igreja, e com os indivíduos do sexo oposto.

No Brasil Colonial, a mulher era vista como alguém que deveria dedicar a sua vida ao casamento e aos filhos. Mas, na realidade, não era bem isso o que ocorria. Muitas mulheres tinham filhos sem serem casadas. Elas precisavam, por isso, trabalhar para poder sustentar seus filhos que, na maioria das vezes, não tinham pai que os tivessem reconhecido e assumido. A Igreja, porém, não via com bons olhos essas casas com chefia feminina, afinal, ela achava que a mulher tinha o dever de se casar e só deveria ter filhos depois do casamento. Essa instituição atuou, assim, no processo de “domesticação” da mulher, que deveria se submeter à dominação masculina. Ser mãe passou a significar ser casada, ser boa esposa, humilde, obediente e devotada.

**Santa Casa de Misericórdia:** irmandade que impunha a todos os membros serem “homens de boa consciência e reputação, tementes a Deus, modestos, caridosos e humildes”.

**Ver:** Charles Boxer, *Conselheiros Municipais e Irmãos de Caridade*, In: *O Império Colonial Português*.

Porém, algumas dessas mães solteiras, que não tinham condições de sustentar seus filhos, os abandonavam, os matavam ou os deixavam com as vizinhas e com as comadres para que fossem criados. As crianças, muitas vezes, eram abandonadas nas Santas Casas de Misericórdia para que fossem criadas por outras pessoas. Esses enjeitados eram enviados às famílias criadeiras, que recebiam uma remuneração muito precária para criá-los. Assim, a criação desses meninos abandonados dependia da generosidade das famílias que se dispunham a cuidar deles.

No período colonial, as mulheres exerciam também o papel de curandeiras e de parteiras. Mas os conhecimentos sobre as doenças e sobre o parto eram muito pequenos, o que fazia com que a mortalidade no Brasil fosse muito alta. Se houvesse alguma complicação durante o parto, a possibilidade de sobrevivência da mãe e do filho eram muito baixas. Muitas mulheres trabalhavam ainda nas atividades comerciais, como, por exemplo, as negras de tabuleiro que vendiam alimentos nas áreas mineradoras. Isso mostra como a vida na colônia era precária e a mulher, muitas vezes, era quem trabalhava, cuidava dos filhos e ainda era responsável pelo auxílio aos doentes e às grávidas.

### **Bibliografia de referência:**

- Algranti, Leila Mezan. A preservação da honra e da virtude feminina. In: *Honradas e devotas: mulheres da colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993, p. 109- 156.
- Boxer, Charles. O culto à Maria e a misoginia. In: *A Mulher e a Expansão Ultramarina Ibérica (1415-1815)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

- Priore, Mary del. A mulher na história da colônia. In: *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993, p. 23-32.
- Silva, Maria Beatriz Nizza da. Mulheres na Colônia: uma história a ser escrita. *Revista Brasileira SBPH*, Curitiba (18): 3-18, 2000.
- Venâncio, Renato Pinto. A Casa da Roda: os ritmos do abandono. In: *Famílias Abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – Séculos XVIII e XIX*. Campinas: Papirus, 1999, p. 41-71.